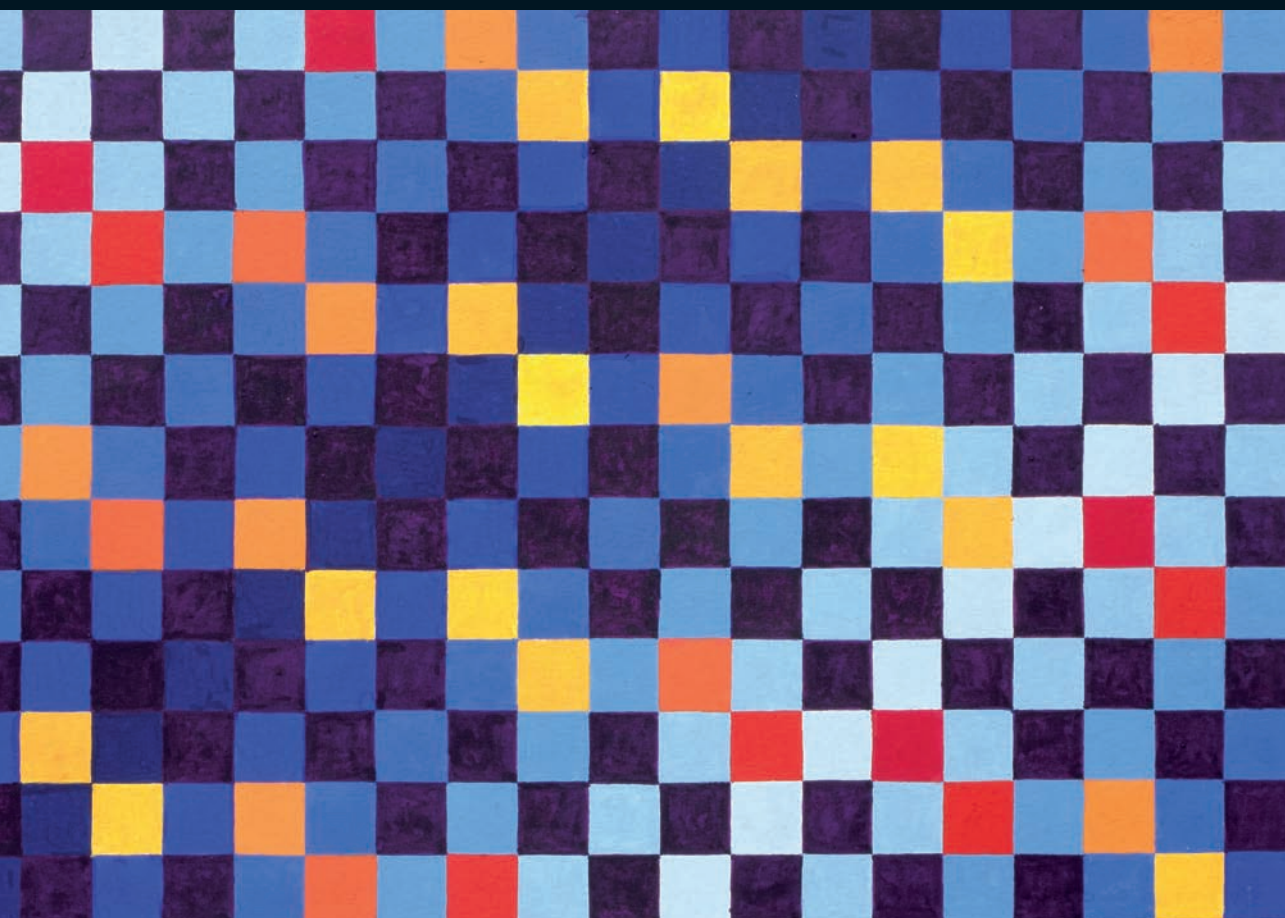


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



CONTOS I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

EÇA DE QUEIROZ

CONTOS



PORTO
LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, Editores

1902

Nota prefacial

A edição crítica deste conjunto de contos de Eça de Queirós, preparada por Marie-Hélène Piwnik, incide sobre relatos de dimensão, temática e configuração formal muito diversas, relatos publicados ao longo de praticamente toda a vida literária do escritor. De facto, desde que começou a colaborar na *Gazeta de Portugal*, em 1866, até à participação na quase luxuosa *Revista Moderna*, entre 1897 e 1900, Eça cultivou, com regularidade e com admirável mestria, este género narrativo, cuja complexa elaboração nem sempre é devidamente valorizada pela análise e pela história literárias.

As circunstâncias de publicação destes contos foram muito variadas. Nuns casos eles resultaram de encomendas para publicações periódicas; outras vezes foi a colaboração regular em jornais portugueses e brasileiros (por exemplo, a já mencionada *Gazeta de Portugal*, o *Distrito de Évora* ou a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro) que os motivou; noutras casos a escrita do conto decorreu de motivações tão singulares como a organização de um almanaque. Sendo assim e sabendo-se também que em tais circunstâncias com frequência ocorriam acidentes de composição tipográfica dificilmente canceláveis pelo escritor (inibido como estava, pela natureza e pelo ritmo de tais publicações, de rever e emendar provas), é natural que não poucos destes relatos apresentem problemas textuais que uma edição crítica trata de resolver, até ao ponto em que isso é possível. Por outro lado, as condições em que se processava o envio, o tratamento e o posterior destino dos originais tornam muito problemática, às vezes quase milagrosa, a possibilidade de se terem salvado manuscritos destes relatos.

Diferentemente destes contos, aqueles que Marie-Hélène Piwnik editou já, no volume *Contos II* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003), puderam ser fixados a partir

© 2009 Carlos Reis, Marie-Hélène Piwnik e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Contos I

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: reprodução de *Pulsção de Cor V*,
da autoria de Eduardo Nery,
tapeçaria em lã tecida na Manufactura
de Tapeçarias de Portalegre em 2007;
120 cm × 179 cm; cartão em guache de 2004

Tiragem: 1300 exemplares

Data de impressão: Março de 2009

ISBN: 978-972-27-1618-5

Depósito legal: 286 386/09

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

O Mistério da Estrada de Sintra

O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)

* O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)

O Primo Basílio

* O Mandarim

A Relíquia

Os Maias

* Contos I

Semi-póstumos e Póstumos

A Correspondência de Fradique Mendes

* A Ilustre Casa de Ramires

A Cidade e as Serras

* Contos II

Lendas de Santos

* A Capital

O Conde de Abranhos

* Alves & C.^a

A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»

* Textos de Imprensa I

Textos de Imprensa II

Textos de Imprensa III

* Textos de Imprensa IV

* Textos de Imprensa V

* Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

Cartas públicas

Cartas privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egipto e outros relatos

VÁRIA

Almanaques e outros dispersos

TRADUÇÕES

Philidor

* As Minas de Salomão

* Volumes publicados

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS
Ficção, Não-póstumos

Contos I

Edição de
Marie-Hélène Piwnik

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2009

dos manuscritos, justamente pela sua condição de textos deixados inéditos por Eça. O que, evidentemente, levantou dificuldades muito distintas das que agora foram enfrentadas e normalmente resolvidas pela editora. Entre essas dificuldades conta-se a que consiste em justificar uma nova arrumação destes contos, superando publicações às vezes meramente circunstanciais e não raro defeituosas. Começou exactamente assim a fortuna editorial destes dispersos, quando, em 1902, Luís de Magalhães, com boa intenção mas com escassa fundamentação crítica, deu à estampa o volume *Contos*.

Desde o início deste projecto ficou claro que o critério de género literário deveria ser determinante, o que tem especial razão de ser no caso de textos póstumos e de textos dispersos, aqueles em relação aos quais, por não ter sido expressa com nitidez (ou por não ter sido expressa de todo em todo) a vontade do escritor, pode e deve ser decisiva a matriz genológica. Um tal critério — repete-se: estabelecido desde o lançamento deste projecto — foi já adoptado por outras recolhas entretanto aparecidas, como é o caso da que foi inserta na obra completa queirosiana, editada no Brasil pela Nova Aguilar. E é assim que não se estranha agora que textos como os breves relatos que dão pelo título «Farsas» (originalmente aparecidos na *Gazeta de Portugal*) ou «O Réu Tadeu» (incompletamente publicado no *Distrito de Évora*) compareçam nesta recolha, ao lado de contos mais amadurecidos e bem conhecidos pelo seu refinamento formal, como «Um Poeta Lírico», «A Perfeição» ou o admirável «José Matias».

Do sentido de exigência e do rigor de procedimentos que presidiram a esta edição falam com eloquência os sólidos créditos de Marie-Hélène Piwnik como estudiosa da obra queirosiana e sobretudo como conhecedora profunda dos contos de Eça de Queirós. O facto de, como já se disse, ter sido responsável pela edição crítica dos contos póstumos acrescenta crédito científico e metodológico a este volume. Por todas estas razões, parece evidente que o trabalho que agora se apresenta merece a confiança de quantos pretendam estudar a obra de Eça a partir de textos fiáveis e criticamente consolidados.

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	15
2. A PRESENTE SELECÇÃO	16
3. AS SELECÇÕES ANTERIORES	22
3.1 EM PORTUGAL	22
3.2 NO BRASIL	25
4. A PRESENTE EDIÇÃO	26
5. AS EDIÇÕES ANTERIORES	27
6. APARATO	31
7. SIGLAS	32
TEXTO CRÍTICO	33
«AS MISÉRIAS. I — ENTRE A NEVE»	35
«FARSAS»	45
«O RÉU TADEU»	55
«O MILHAFRE»	71
«O SENHOR DIABO»	79
«ONFÁLIA BENOITON»	95
«MEMÓRIAS DUMA FORÇA»	107
«A MORTE DE JESUS»	117
«SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA»	167
«UM POETA LÍRICO»	195
«NO MOINHO»	207

«OUTRO AMÁVEL MILAGRE»	219
«CIVILIZAÇÃO»	225
«[A AIA] TEMA PARA VERSOS»	251
«ANEXO»	259
«AS HISTÓRIAS. O TESOURO»	265
«AS HISTÓRIAS. FREI GENEPRO»	273
«O DEFUNTO»	283
«ADÃO E EVA NO PARAÍSO»	315
«A PERFEIÇÃO»	345
«JOSÉ MATIAS»	363
«O SUAVE MILAGRE!»	385
«APÊNDICE: UM MILAGRE»	395
<i>Notas biobibliográficas</i>	399

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este volume de *Contos*, que se inscreve no projecto global da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós sob a direcção do Prof. Carlos Reis, precede em boa lógica o dos quatro contos póstumos, elaborado a partir dos correspondentes manuscritos¹. Reúne-se, com efeito, a totalidade dos relatos breves ficcionais publicados em vida do autor, obedecendo assim a um critério de coerência e exaustividade que não se privilegiou em colecções anteriores. De nenhum deles se conhece manuscrito, possivelmente porque ficaram nas redacções dos jornais para os quais se escreveram. Isso implica que sempre se tenha partido da edição original, ou de uma edição considerada melhor, que o autor ainda tivera a possibilidade de controlar².

¹ *Contos II*, Lisboa, INCM, 2003.

² É o caso (único) d'«O Senhor Diabo». Quanto à versão breve do «Milagre», de 1897, embora publicada em vida de Eça, deixou-se em anexo, uma vez que se parte duma edição de 1960, não se tendo encontrado o texto original. Curiosamente, como me assinalou o Prof. Carlos Reis, Fialho de Almeida, em *Literatura gá-gá* (1910), declara que «'O Suave Milagre' teve uma primeira factura, um *raccourci* de vinte linhas, sendo um mendigo que relata os milagres de Jesus». A dita versão, acrescenta Fialho, vem num livro de *Leituras Populares*.

Mesmo assim, não se podem descartar as intervenções do revisor e/ou do tipógrafo no texto publicado. Seriam de vária índole: aditamentos decorativos, erros devidos à dificuldade de certas leituras, induzida por ignorâncias; falhas humanas, como omissões, inversões, cortes ou acrescentamentos de caracteres, deslocação de palavras ou fragmentos de palavras, alterações ligadas às necessidades da paginação, ou seja, às dimensões exigentes da coluna (tipo, parágrafo, abreviaturas, etc.).

Também se praticava na altura a cópia prévia de um manuscrito de letra dificilmente legível, ou carregada de correcções (caso frequente em Eça), hábito que podia acarretar modificações, notáveis quanto à pontuação.

Em relação às narrativas publicadas na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, a eventualidade de uma adaptação do português de Portugal ao português do Brasil, que já se realizava na época, não parece tê-las afectado³.

Enfim, a concepção mesma do folhetim «continuado»⁴ fazia com que não se respeitasse com rigor, de um número para outro, tal ou qual ortografia, sobretudo ao tratar-se de nomes próprios, que o próprio autor podia baralhar.

2. A PRESENTE SELECÇÃO

A ordem cronológica de publicação presidiu à organização da presente selecção, que reagrupa a totalidade das narra-

³ Há uma dúvida relativa à versão breve do «Milagre», que será exposta oportunamente.

⁴ Como é sabido, o «folhetim» correspondia a várias intervenções. Ao princípio, situado no jornal na parte baixa (o chamado «rez-de-chaussée»), separado do resto, podia ser uma crónica do tempo, um ensaio, uma crítica de teatro, de arte, um conto, etc.; com o tempo muitas vezes foi dedicado a um romance ou a uma novela, por episódios, decidindo o tipógrafo o espaço mais conveniente na publicação. Emprego a expressão «folhetim ‘continuado’» (que é minha) para designar precisamente o folhetim por episódios, quer se trate de narrativa breve ou longa. Há elementos interessantes relativos ao «feuilleton» em Gérard de Senneville, *Théophile Gautier*, Paris: Fayard, 2004, cap. IX.

ções ficcionais breves publicadas em vida de Eça de Queirós. Começa-se assim pelos relatos aparecidos na «Gazeta de Portugal» e n'«A Revolução de Setembro», e tradicionalmente oferecidos nas *Prosas Bárbaras* a par de crónicas e ensaios que daqui se excluíram. De assinalar que este primeiro conjunto inclui «Farsas» e «Onfália Benoiton», também publicados na «Gazeta de Portugal», mas ausentes do volume inicial das *Prosas Bárbaras*, e acrescenta «O Réu Tadeu», do «Distrito de Évora». O resto do elenco propõe os textos disseminados em outros jornais e revistas, e habitualmente reunidos sob o título de *Contos*.

Consideraram-se as três versões do «Milagre», embora a de 1897 se tenha posto em apêndice, na medida em que não se conseguiu encontrar o texto publicado em vida do autor. Para mais, o conto inicial entra na categoria dos chamados «contos de Natal», e pode ter sido alterado por quaisquer motivos, como foi o caso de «Outro Amável Milagre» no «Jornal do Comércio» em 1885⁵.

Em relação ao conto «[A Aia]»⁶, foi separado do comentário do autor-narrador («Tema para versos»), sendo este pós-

⁵ Tendo introduzido o revisor correcções e aditamentos, Eça escreve comentários saborosos numa carta ao director do «Jornal do Comércio», Cristóvão de Aires. Embora bem conhecida, vale a pena citar o seguinte extracto: «O revisor, achando, com razão, que o conto não estava à altura do Evangelho, introduziu-lhe alguns adjectivos, e advérbios, e retoques de frase, para lhe dar mais cor e mais unção. Onde, por exemplo, se falava simplesmente de rebanhos, o revisor, com a generosidade do Todo-Poderoso, torna-os logo «numerosos», etc. E assim por diante outros aperfeiçoamentos. A coisa não tem importância — mas eu julguei do meu dever adverti-lo [...] de que Você tem aí um tão perigoso revisor. Imagine Você que se trata de imprimir, no «Jornal», umas das suas lindas quadras da ORIENTAL no «Feixe»: *Olho rasgado e profundo...* O seu revisor, achando isto pálido, molharia logo a sua pena e arranjaria o verso assim: *Olho muito rasgado e numerosamente profundo...* É pavoroso! Tenha Você cuidado com esse horrível e cruel estilista» (Carta de Eça de Queirós a Cristóvão Aires, *Correspondência* de Eça de Queirós, ed. Guilherme de Castilho, Lisboa: INCM, 1983, vol. 1, p. 246. Meditemos nestas frases de Eça de Queirós que, com certeza, não tiria apreciado as alterações dos seus sucessivos editores...

⁶ Este título, tradicionalmente utilizado, foi inventado por Luís de Magalhães.

-posto em anexo, uma vez que surge como exterior à ficção propriamente dita. Sendo assim, a presente edição propõe: «As Misérias. I — Entre a neve» (1866); «Farsas» (1866); «O Réu Tadeu» (1867); «O Milhafre» (1867); «O Senhor Diabo» (1867); «Onfália Benoiton» (1867); «Memórias duma forca» (1867); «A Morte de Jesus» (1870); «Singularidades de uma rapariga loura» (1874); «Um Poeta Lírico» (1880); «No Moinho» (1880); «Outro Amável Milagre» (1885); «Civilização» (1892); «[A Aia]» (1893); «O Tesouro» (1894); «Frei Genebro» (1894); «O Defunto» (1895); «Adão e Eva no Paraíso» (1896); «A Perfeição» (1897); «José Matias» (1897); «O Suave Milagre» (1898); e, em apêndice, «Um Milagre» (1897).

Embora «O Réu Tadeu» e «A Morte de Jesus» tenha ficado por acabar, o primeiro porque terminou o «Distrito de Évora», onde se publicava, com a partida do seu director e redactor, o segundo por Eça ter, ao que parece, abandonado o projecto, pareceu coerente incluir esses relatos na selecção. É possível que «A Morte de Jesus» tivesse a ambição de ser um romance, cujo inspirador bem podia ter sido Renan⁷, enquanto «O Réu Tadeu» não passaria dum relato breve; por razões distintas ambos têm uma conclusão concebível pelo leitor e podem ser lidos de certa maneira como narrativas fechadas. Com efeito, no último trecho publicado de «O Réu Tadeu», Simão anuncia a Tadeu o seu casamento, cujas consequências hão-de levá-lo ao suicídio; e embora falte a parte final, os indícios semeados permitem completar a narração: Tadeu, apaixonado pela mulher do irmão, tê-la-ia obrigado, ou teria tentado obrigá-la a cometer o adultério. Por isso, quando preso, declara-se «culpado». Jesus não morre ainda nas páginas que se publicaram d'«A Morte de Jesus», mas a relação que mantém com o narrador chega ao seu termo no último capítulo oferecido aos leitores d'«A Revolução de Setembro», quando este tenta convencer o

⁷ *La Vie de Jésus* é de 1863, e Batalha Reis confirma-nos que Eça estava a lê-la aquando da composição d'«A Morte de Jesus» (Introdução às *Prosas Bárbaras*, p. 45, Lello & Irmão, s. d.).

Rabi a ter «a Palestina até ao mar», a ser «o rei de Israel», e este lhe responde «Vai-te: o meu reino não é deste mundo».

O conto «As Misérias» também devia, segundo parece, inserir-se numa série, pois o subtítulo «Entre a neve» vai precedido de um número I, mas o relato constitui um todo, e chega-se à conclusão de que o projecto foi simplesmente abandonado por Eça de Queirós.

O volume que apresentamos compreende pois 21 + 1 contos⁸. É o elenco mais completo da obra ficcional breve queirosiana.

Adoptou-se o critério cronológico por ser o mais científico, e porque atesta a extraordinária variedade da criação queirosiana, e ao mesmo tempo a fidelidade do autor não só à peça narrada concisa como a linhas estruturantes iniciais. De certo as contingências desempenharam um papel incitativo, ou pelo contrário desmotivador nessa obra breve. O ritmo de produção é intenso nos anos 1866 e 1867, devido à colaboração na «Gazeta de Portugal» e à criação efémera do «Distrito de Évora». As vicissitudes da carreira de Eça, e também da sua criação literária a outro nível, explicam a dispersão das publicações seguintes, que seriam só quatro em dez anos — se tudo se conservou. A forte participação de Eça de Queirós na «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro faz com que se tornem frequentes as composições a partir de 1892, como também ocupam um lugar destacado na «Revista Moderna», no fim da vida do escritor. Temos assim um primeiro período rico, um período intermediário disperso, e um último período muito fecundo. Mas o que interessa é que coincidem e coabitam através do tempo a veia «realista», presente com nuances de «As Misérias» (1866) a «José Matias» (1897); a corrente que se pode qualificar de «fantástica» e que ao princípio «O Milhafre» (1867) ilustra, como algumas das «Farsas» (1866), e que tem a sua ex-

⁸ Haverá quem se pergunte porque não se contemplou *O Mandarin*. Na verdade, as dimensões dessa narrativa sempre obrigaram a considerá-la como uma novela, um curto romance fantástico, merecedora de uma publicação à parte, já realizada pela INCM (1993, ed. por Beatriz Berrini).

pressão mais perfeita com «O Defunto» (1895); a reflexão sobre o passado da humanidade, de ressonância filosófico-metafísica, que reconsidera a Bíblia com fins didáticos («A Morte de Jesus», 1870, «Adão e Eva no Paraíso», 1897, as distintas versões de «Outro Amável Milagre», de 1885 a 1898), e a mitologia com fins éticos e estéticos («A Perfeição», 1897); o pendor para a «jóia» lavrada, que se inscreve numa tradição reapropriada — do folclore, da lenda, da hagiografia —, e que atinge um cume estético com «O Tesouro» e «Frei Genebro» (1894). Se bem que o tratamento da escrita mude com o tempo, e a crescente subjectividade do narrador se imponha cada vez mais, a coerência e a coesão — na variedade! — do conjunto dos contos de Eça de Queirós sublinham a importância e o interesse que apresentam. Além disso, a ficção breve queirosiana permite compreender melhor os romances, que aí podem ter um núcleo matricial (*A Cidade e as Serras*, em «Civilização»); uma variante (*O Primo Basílio* em «No Moinho»), uma temática (por exemplo o incesto em «Singularidades de Uma Rapariga Loura» e em «José Matias», ou o problema da abulia e do tédio — «Civilização», «A Perfeição» —, ou também a crítica social, com «Singularidades de uma Rapariga Loura», «Onfália Benoiton»); ou um incidente (*A Relíquia* e os «Milagres», ou «A Morte de Jesus»), etc.

Ao mesmo tempo, observamos que se dá uma autêntica porosidade entre os vários tipos de conto escritos por Eça. É assim que Jaime Cortesão considera «Frei Genebro» (que poderia passar por uma simples variação hagiográfica) como uma peça basilar do franciscanismo queirosiano. E também se adivinha no Jacinto de «Civilização» (essencialmente uma crítica dos efeitos perversos do progresso, contrastando com o elogio da vida rústica) uma hipóstase da figura de São Francisco de Assis, plasmada com insistência n' *A Cidade e as Serras*. Os «Milagres» não só participam das preocupações de «religiosidade social» do autor a partir de 1885, como oferecem uma belíssima evocação dos tempos evangélicos, já presente n' «A Morte de Jesus» (1870). Por outro lado, as preocupações estéticas são manifestas nos contos «realistas», que não desdenham a estrutura do conto de fadas; as preocupações ideológicas estão

latentes nas «Histórias», embora pareçam de puro entretenimento; as intenções realistas não desertam dos contos fantasistas, impondo imagens fortes e cruas que embatem contra as convenções do género.

A ordem cronológica impõe-se portanto como a mais coerente. Não se pode afirmar no entanto que haja sempre absoluta coincidência entre a data da escrita e a da publicação. A questão é complexa. Quase todos os relatos breves aqui reunidos se publicaram num número único de jornal ou revista, o que dificulta a presunção quanto à data da escrita. O caso mais melindroso é o das três versões do «Milagre». Sendo «Outro Amável Milagre» de 1885, «Um Milagre»⁹ supostamente de 1897, e «O Suave Milagre», de 1898. Serão as duas últimas, realmente, versões retomadas muito mais tarde, uma hiperbreve, outra bem alongada — exercícios de estilo no fim da vida —, ou entre essas datas, já o autor reescrevera para si as ditas versões?¹⁰ Não temos qualquer certeza. Também se discutiu o caso de «No Moinho», segundo parece posterior a *O Primo Basílio*. Mas quem o pode afirmar? Só deram lugar à publicação de tipo folhetim «continuado» «A Morte de Jesus», «Civilização», «Frei Genebro» e «O Defunto». Ora, se nos referirmos a «A Morte de Jesus» (cujos primeiros excertos se apresentaram em 11 números d'«A Revolução de Setembro»), será difícil afirmar que Eça não tinha prontos ainda vários capítulos do eventual futuro romance, uma vez que Batalha Reis nos diz que os ouviu da boca do autor¹¹. Se evocarmos os outros contos, todos destinados à «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro, Eça com certeza os enviava já completos, dada a

⁹ Guerra da Cal (*Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, tomo 1, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, item 1.037) dá-lhe o título de «Um Milagre», mas a edição que propõe (em 1960) reza só «Milagre».

¹⁰ Sempre que se considere que «Um Milagre» é mesmo de Eça de Queirós.

¹¹ «Havia escrito desta obra, além do que se publicou — uns capítulos que ele me leu, e depois sem dúvida destruiu ou se perderam» (Introdução, ed. cit., p. 45).

lentidão do transporte, encarregando-se o jornal de os repartir por números separados, tanto mais que ele sabia que devia entregar até determinada data um conto que lhe ia ser pago e sabemos até que ponto ele precisava sempre de dinheiro. Assim se publica «Frei Genebro» em dois dias, «Civilização» em cinco. Inclusive «O Defunto», que ocupa o folhetim de dez números, foi bem provavelmente mandado de uma vez. Mesmo assim, não se pode descartar que Eça tivesse em conta as exigências do relato folhetinesco por episódios, particularmente o *suspense*, pois na «Gazeta de Notícias», precisamente, o caso dá-se com textos de imprensa ¹².

3. AS SELECÇÕES ANTERIORES

3.1 *Em Portugal*

Luís de Magalhães, ao publicar em 1903 (com data de 1902) pela Lello & Irmão a primeira colecção de relatos breves de Eça de Queirós, sob o título *Contos*, seleccionou 12 narrações em ordem dispersa, sem critério declarado nem que se descu-

¹² A nossa colega brasileira e eminente queirosiana Elza Miné mostrou, no caso de uma crónica, que Eça, embora a tivesse enviado de uma vez, soube aproveitar o *suspense* inerente à publicação em folhetim, prometendo ao leitor uma continuação no número a seguir. Trata-se do texto «Aos estudantes do Brasil», I, II, III (Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 635-664), publicado respectivamente nos dias 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1897. Diz a Prof.^a Elza Miné: «Ora, o último parágrafo da parte publicada no dia 20 (I) diz: ‘Ah! meus doces amigos, é verdade?... Mas para conversar sobre este caso, que me sufoca, eu necessito o ar, o espaço e a tranquilidade de um outro bilhete.’ Em 21 de Fevereiro, começa (II) afirmando: ‘Agora, neste bilhete mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso sufocante.’ Como foram publicados em dia subsequentes, infere-se que tenham os três ido pela mesma ‘mala’ para o Brasil.» Pelo que se refere aos três contos contemplados, só «O Defunto» parece oferecer cortes que relevam da preocupação pelo *suspense*.